

A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: QUEBRANDO PARADIGMAS.

Autor: SCHALEMBERGUER, Aline Sarturi.

Coautores: SCHALEMBERGUER, Jordana Prunzel; HOPF, Rogério Cesar; LOPES, Marcos Anderson Coelho; SARAIVA, Adauto Cesar Acunha.

Orientador (a): Dr^a Maria Cristina Chimelo Paim.

Universidade Luterana Do Brasil – ULBRA – Campus – Santa Maria/RS.

E-mail: alinesarturi14@gmail.com.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o relato das atividades de inclusão nas aulas de Educação Física realizada com um aluno autista de grau moderado. A pesquisa foi fruto de observação do aluno nas aulas, juntamente com a mãe do mesmo. Como Instrumento de coleta utilizou-se um roteiro de observação, onde o foco foi o processo de inclusão na turma, juntamente com as dificuldades na realização das atividades e posterior reorganização das mesmas, de modo que o aluno desenvolvesse suas potencialidades. Após a análise dos resultados, a mãe do aluno nos relata que: A inclusão nas escolas é boa, pois insere a criança autista com as crianças neurotípicas (normais), onde os dois aprendem, ou seja, o autista aprende com os colegas e os colegas também aprendem através da diversidade. Relata também que a atividade física para o mesmo é muito importante, pois auxilia no desenvolvimento motor e também uma ótima oportunidade de interação, porém ainda falta um pouco de informação dos professores perante estes alunos. Outro fator importante é o acompanhamento do educador especial e monitor para aluno com necessidade especial, e ainda a importância na busca pelo professor em uma qualificação profissional para complementar o seu trabalho em relação ao aluno com autismo e a sua inclusão.

Palavras-Chave: Inclusão, Educação Física, Desenvolvimento Motor e Autismo.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época em que a inclusão se dá com grande potência, logo o que não acontecia comumente em tempos que nos antecedem, hoje se torna um rotineiro trabalho de tentativa na efetivação desta, referindo-se a diversos tipos de necessidades especiais. Teixeira (2016) afirma que os transtornos do espectro autista apresentam uma incidência estimada em

1% das crianças e adolescentes em todo o mundo, segundo diversas pesquisas internacionais realizadas nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia.

Para que possamos trabalhar em cima de uma necessidade especial, primeiramente temos de conhecer melhor o que realmente acontece com estes, “o transtorno do espectro autista é uma síndrome de início precoce caracterizada por alterações marcantes no desenvolvimento da linguagem e da interação social. Há também a presença de comportamento estereotipado e repetitivo, rituais, alterações sensoriais e interesse restritos”. (Teixeira, 2016)

Sendo assim, trataremos do autismo, tentando reconhecer alguns pontos que nos facilitem, referindo se quando a reconhecimento das situações em específico, levando os casos ao caminho de um diagnóstico precoce [...] é muito comum a presença de sintomas no primeiro ano e costuma persistir ao longo da vida do indivíduo[...] por ser uma especificidade que somente pode ser diagnosticada através de exames comportamentais, [...] Crianças diagnosticadas precocemente tem uma chance muito maior de apresentarem melhorias bastante significativas no sintomas do transtorno ao longo da vida[...](TEIXEIRA,G.2016)

O diagnóstico do autismo é clínico, depende de uma minuciosa avaliação comportamental da criança e da entrevista com os pais. Caso a criança já esteja inserida em um programa educacional, a avaliação pedagógica escolar será também muito importante (TEIXEIRA, G.2016)

Partindo deste diagnóstico comportamental, este trabalho retratará uma pesquisa de campo com um aluno autista de grau moderado, onde foram elaborados questionamentos para a própria mãe do aluno autista. Onde foi questionada desde a estrutura da escola, até a inclusão nas aulas de educação física no sentido professor/aluno e colegas/aluno. No depoimento colhido foi possível fazer associações e experiências baseada em pesquisas bibliográficas específicas da área.

PERCURSO METODOLOGICO:

Participou da pesquisa a mãe de um aluno autista de grau moderado matriculado em uma escola de Rede Pública da cidade de São Pedro do Sul. Como instrumento de coleta, foi organizado um questionário com perguntas dissertativas onde estas eram relacionadas à inclusão na escola, a importância da atividade física no aluno autista, a relação da mãe com o corpo de professores e funcionários e também as dificuldades do aluno quanto às atividades psicomotoras, socialização (professor/aluno, aluno/colegas, colegas/aluno, aluno/professor). Após esta coleta de informações, o questionário foi comparado e contextualizado com pesquisas bibliográficas e referenciais teóricos.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES:

Ao finalizar este estudo podemos ver e observar através dos relatos da mãe do aluno autista, que o mesmo sempre foi incluído na medida do possível, a partir das atividades propostas. O aluno apresenta um bom relacionamento com os colegas e professora. Também é interessante ressaltar que os colegas sempre o ajudam quando necessário. O aluno autista também é acompanhado pela educadora especial em momentos diferentes ao da educação física, sendo que a educadora especial sempre está pronta para auxiliar em todas as atividades. O aluno autista participa de todas as aulas, sendo que no início o mesmo teve um período de adaptação, onde os professores e colegas foram instruídos para que houvesse uma postura por parte de toda a comunidade escolar e que estes recepcionassem bem o colega com necessidade especial e fizessem o processo de inclusão acontecer. Contudo a mãe salienta que os dias em que o aluno autista não participa da aula por vontade própria, são quando as aulas são mais direcionadas para um esporte que este não gosta, ou quando ele está muito agitado e com dificuldade de concentração. A mãe ainda relata que os próprios colegas o ajudam, a superar suas dificuldades, incluindo-o nas atividades e brincadeiras, quebrando assim, o paradigma do preconceito, relata que as professoras são bastante atenciosas. Lamenta que ainda faltam algumas informações concretas sobre tal diferença, no entanto todos fazem o melhor que podem. Com bases nos relatos e depoimentos obtidos na pesquisa podemos inferir que o trabalho com o aluno autista está sendo desenvolvido, buscando a inclusão e integração do mesmo e o seu posterior desenvolvimento individual e coletivo. A Escola está trabalhando assiduamente a questão dos alunos com necessidades especiais e proporciona para isso de um

profissional de educação especial e um monitor para auxiliar e acompanhar o aluno especial, importante para o processo de mediação como afirma (TEIXEIRA.G, 2016):

Um profissional importante no tratamento e no processo pedagógico dessa criança é o mediador escolar. Ele é o elo entre educadores, pais e o estudante. Nos Estados Unidos esse profissional é chamado de *shodow (sombra)*. Essa denominação reforça o papel do mediador, que não deve trabalhar como um facilitador de tarefas, mas sim como uma sombra da criança.

Mesmo com o fato de a escola possuir educador especial e ainda um monitor individual, logo de início os professores recebem um impacto por não ter o conhecimento necessário para trabalhar com o autista, muitas vezes não obtendo compreensão e não se fazendo entender em relação ao autista, Teixeira (2016) diz que [...] também é observado que quase a totalidade de crianças autistas resiste em aprender ou praticar uma nova atividade, sendo essa uma grande dificuldade para a adesão da criança em um programa de tratamento [...] Para Silva (2012) [...] as crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que tem maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada [...]. (SILVA, 2012. Pg,109.) de acordo com esta afirmação a mãe do aluno autista apontou que depois de algum tempo de integração e tentativa de inclusão o autista aderiu a prática em quase todos os momentos quando em conjunto com monitor e este o ajudando no processo, ai então foi observada uma melhora considerável quanto à parte cognitiva motora e afetiva social.

Considerando o estudo realizado e as inúmeras leituras, verifica-se que a discussão com relação à inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular é algo que precisa ser mais aprofundada, visto que há um longo caminho a ser construído permeado por desafios a serem enfrentados e superados.

Através desta pesquisa, percebemos que a ideia da inclusão de alunos com autismo e outras patologias nas aulas de Educação Física do ensino regular são de suma importância, para o seu desenvolvimento social, mas ainda existe muito a fazer e mudar para que as escolas possam acolher a todos.

O trabalho pedagógico da Educação Física deve estar voltado para a construção da cidadania dos sujeitos, formando elementos críticos e participantes no meio social em que estão inseridos.

Outra questão que devemos destacar e discutir são a formação inicial e a formação continuada dos professores. Percebe-se que, de acordo com o depoimento da mãe entrevistada, que ainda existem profissionais que não possuem contato ou uma formação com suporte para a atuação frente à Educação Especial.

Constata-se mediante resultados, que está na hora de acontecer uma reformulação mais efetiva nos currículos de formação dos profissionais da área da educação, em todos os níveis, por isso, deve haver mudanças na maneira de pensar a inclusão não olhando como impossível e sim como um desafio onde temos que encarar e vencer o “novo”, respeitando as diferenças de cada aluno, ajudando cada um suprir suas dificuldades.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

SILVA, Ana Beatriz B. Gaiato, M. B. REVELES, L. T. **Mundo singular- aprenda o autismo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TEIXEIRA, G. **Manual do Autismo: Guia dos Pais Para o Tratamento Completo.** Editora Best Seller - Grupo Record, - SP, 2016.